



**PENSATAS**

## OS (INTER)DITOS ENTRE CORPOS: REPRESENTAÇÕES DE CASAIS HETEROSSEXUAIS ACERCA DA SEXUALIDADE E SEUS EFEITOS NO MUNDO ORGANIZACIONAL

Iolanda Maciel Fontainhas<sup>1</sup>

1 – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho

### RESUMO

---

Nas sociedades contemporâneas, a sexualidade assume-se como uma dimensão da vida quotidiana importante para a realização pessoal e manutenção das relações conjugais. No entanto, esta tendência não traduz, necessariamente, que os casais expressem da mesma forma os afetos, desejos, condutas sexuais e usos corporais. Adotando uma perspectiva construtivista da sexualidade, o presente estudo procurou conhecer quais as representações acerca da sexualidade e das práticas sexuais que estão na base da vida em comum, considerando os seus possíveis impactos na vida corporativa dos casais. A partir de uma abordagem metodológica qualitativa e de cariz iminentemente indutivo, construtivista e interpretativo, a entrevista semidiretiva foi aplicada junto de casais heterossexuais com o intuito de perceber qual o argumento mobilizado para justificar a adoção (ou não) de diferentes práticas sexuais. Entre os principais resultados destacamos a existência de uma visão hedonista e erótica da sexualidade, que a reconhece como um meio de se obter prazer, ultrapassando os aspetos ligados à procriação. As representações acerca da sexualidade orientam-nos para uma nova configuração dos modos de viver o sexo conjugal: assiste-se a um alargamento de práticas sexuais, privilegiam-se os valores da reciprocidade, do envolvimento e do prazer mútuo e nos discursos (e práticas) inserem-se ideais mais igualitários entre os géneros. Apesar disto, parece que determinadas práticas sexuais continuam a ser alvo de uma filtragem de atitudes e comportamentos que são regulados pela situação conjugal, por valores morais e religiosos e pelas representações sociais e sexuais de género que se encontram enraizadas na sociedade portuguesa, o que acaba gerando efeitos na rotina e no trabalho profissional dos casais.

**Palavras Chave:** Representações, Género, Sexualidade, Intimidade conjugal, Heterossexualidade.

**ABSTRACT**

---

Sexuality in modern societies is assumed as a fundamental human dimension in personal achievement and in the maintenance of the marital relationship. However, this trend does not necessarily suggest that couples express their affections, desires, sexual behaviour and use their bodies in the same way. Adopting a constructionist perspective of sexuality, this study sought to understand which representations about sexuality and sexual practices underlie life in common, considering their possible impacts on the corporate life of couples. Using a qualitative approach of an eminently inductive, constructionist and interpretive nature, the semi-structured interview was conducted with heterosexual couples in order to perceive which argument was put forward to justify the adoption (or not) of different sexual practices. Among the main findings we emphasize the existence of a hedonistic and erotic view of sexuality that recognizes it as a means of obtaining pleasure, going beyond the aspects linked to procreation. The representations of sexuality guide us to a new configuration of the ways of living marital sex: we are witnessing a broadening of sexual practices, the promotion of values such as reciprocity, involvement and mutual pleasure and the discourses (and practices) include more egalitarian ideas among genders. Despite this, it appears that some sexual practices continue to be filtered by attitudes and behaviours that are regulated by marital status, by moral and religious values and social and sexual gender representations that are deep-rooted in the Portuguese society, which ends up affecting the routine and professional work of couples.

**Keywords:** Representation, Gender, Sexuality, Conjugal intimacy, Heterosexuality.

## INTRODUÇÃO

---

Ser-se casal, nas sociedades contemporâneas, tornou-se mais exigente. Os modos de se viver a intimidade e a sexualidade conjugal diversificaram-se e parecem ter-se tornado paradoxais: se por um lado, se assiste a uma aproximação das trajetórias afetivas e sexuais de homens e mulheres e a sexualidade parece estar mais liberta e descentralizada da sua visão fálica; por outro lado, não desapareceu a intenção de controlo da sexualidade orientado pelas expectativas sociais e sexuais ao nível do que se é ser mulher ou homem numa relação. A sexualidade é encarada como uma forma de expressão e realização pessoal e conjugal (Giddens, 1992).

Espera-se que a vida a dois seja um contexto privilegiado de concretização de práticas sexuais diversificadas e de afetividade, no qual as relações íntimas ofereçam realização e satisfação pessoal. Ao mesmo tempo, as relações conjugais são também locais em que as assimetrias e hierarquias relacionadas com o género e sexualidade são renovadas. Ao argumentar que os efeitos das relações de poder são visíveis e, não raro, naturalizadas nos relacionamentos íntimos, este artigo tem como objetivo refletir e problematizar o carácter paradoxal

da vida a dois e como este transcende as fronteiras da esfera privada. Em particular, pretende produzir novas reflexões sobre as formas como as relações desiguais entre os géneros na relação conjugal (Bozon, 2004) operam e se (re)produzem nas sociedades contemporâneas e, em particular, na gestão organizacional, persistindo uma diferenciação de género que impõe maiores constrangimentos às mulheres.

Os dados discutidos integram um estudo de casos qualitativo realizado entre 2015 e 2016 na região Norte de Portugal que tomou como objeto teórico as representações da sexualidade e das práticas sexuais que estão na base da vida do casal. A partir da análise de vinte entrevistas semidiretivas realizadas a dez casais heterossexuais, este artigo dá conta dos modos como valores, disposições e noções de moralidade sexual se tornam visíveis, ou não, na vida quotidiana do casal. Pretende-se discutir de que modo as (des)igualdades afetivas interagem, se cruzam e se relacionam com outros tipos de desigualdades. Ao mesmo tempo, pretende fomentar a discussão pública sobre a importância social da (des)igualdade de género entre os membros do casal e aumentar a compreensão sobre as hierarquias e operações de poder nas

sociedades contemporâneas e no mundo organizacional.

### Referencial Teórico

---

Vivemos num contexto marcado por uma sexualização da cultura (Pinto; Nogueira; Oliveira, 2010), visível na importância crescente que a sexualidade tem assumido nos domínios político e científico, na mediatização de mensagens sobre práticas sexuais e usos do corpo e nos discursos da cultura popular (Neves, 2013). De facto, as últimas décadas foram de revolução no estudo da sexualidade sendo que, atualmente, o sexo e os aspetos que o envolvem - desejo, prazer, normas de comportamento sexual e negociações íntimas - são reconhecidos como fenómenos sociais (Seidman; Fischer; Meeks, 2006, p. X).

Reconhecendo que, nos dias de hoje, os relacionamentos amorosos afiguram-se como centrais para a realização pessoal e afetiva dos indivíduos, importa entender o amor como uma forma de autorrealização que não é algo transversal a todas as sociedades. Tal é elucidado por Torres (1987) ao defender que embora seja universal, o amor não se dissocia dos códigos e da semântica de cada época específica. Se antes o amor não constituía a

base fundamental para o casamento, na atualidade, o casamento como instituição funda-se neste, sendo que a família deixa de ser entendida como unidade de produção, mas sim como unidade com “funções de reprodução social, ou subsistema de divisão funcional de tarefas entre cônjuges” (Torres, 1987, p.22).

Porque os discursos acerca das questões inerentes à intimidade são diversificados, a operacionalização deste conceito afigura-se como uma tarefa complexa. A este propósito, uma parte de posições teóricas parece apontar a grande proximidade em relação ao outro como um dos aspetos caracterizadores da intimidade, definindo-a como uma das componentes principais de uma relação interpessoal próxima (Moreira; Amaral; Canavarro, 2009). Com efeito, a importância do estudo da intimidade reside no facto de estar associada ao amor e ao afeto, o que implica, no contexto da vida em casal, que os parceiros expressem os seus pensamentos e sentimentos de forma livre, pressupondo que estes serão compreendidos e respeitados pelo outro, na construção de uma relação íntima (Moreira; Amaral; Canavarro, 2009). Na perspetiva de Schaefer e Olson (1981), a intimidade é o processo resultante da revelação de assuntos íntimos e da partilha de experiências e que pode assumir várias

configurações, tais como intimidade sexual, intimidade intelectual, intimidade social e até intimidade recreacional (cit. por Moreira; Amaral; Canavarro, 2009).

A nova configuração do estatuto social da mulher e a capacidade adicional de se estabelecerem relações íntimas igualitárias entre homens e mulheres, leva a que surja um novo projeto amoroso: o amor confluyente ou plástico. Apoiando-se nos processos de mudança social no final do século XX, que contribuíram para uma alteração na natureza da intimidade, Giddens (1992) fala da ascensão deste amor que, ao se caracterizar por ser ativo, entra em rutura com os ideais do amor romântico de “para sempre” e “único”. No amor confluyente, as relações presumem a troca emocional e sexual e a entrega igual dos dois parceiros, sendo que os indivíduos procuram não a pessoa especial, mas sim o relacionamento especial. Aqui, o prazer sexual torna-se fundamental ao relacionamento, podendo mesmo contribuir ou para a sua manutenção, ou para a sua dissolução.

Em articulação com a possibilidade de todos os indivíduos alcançarem a realização pessoal, devemos salientar que a sexualidade é descentralizada e liberta da sua característica de reprodução, passando

a associar-se à intimidade e proporcionando a conquista do prazer sexual, sobretudo das mulheres. É isto que Giddens (1992) designa por sexualidade plástica que se constitui, na realidade, como um aspeto muito relevante do processo de libertação da sexualidade da dominação do falo, ou seja, a sexualidade deixa de estar aprisionada à importância da experiência sexual masculina. Surge, então, uma forma mais criativa da sexualidade que assenta numa maior plasticidade da sexualidade, liberta de padrões morais e sociais instituídos.

A par da importância para a reivindicação feminina do prazer sexual, a emergência da sexualidade plástica contribuiu, em grande medida, para a emancipação de uma determinada forma de intimidade: a relação pura. Esta é cada vez mais procurada na vida pessoal e encontra-se ligada ao amor confluyente (Giddens, 1992), sendo levada avante apenas se for compensatória e satisfatória para ambas as partes, o que pressupõe a partilha, o compromisso e a confiança mútua. Assim, é uma forma de intimidade entre casais que se sustenta na valorização das qualidades únicas de cada um e na autorrevelação mútua. Neste relacionamento “que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente (...)” (Giddens, 1992, p. 69),

o casamento perde algum significado relativamente ao amor e à sexualidade, pelo que os critérios externos se vão diluindo. Apesar da autorrevelação se constituir como a base para a relação pura, esta não é a única característica que contribui para a maior intimidade do casal heterossexual, sendo que “o amor e o carinho expressos por ações são uma dimensão muito diferente da intimidade de “conhecer”, (...) mas continua muito presente no modo como muitos casais veem a sua relação” (Jamieson, 1999, p. 485). De igual modo, os casais podem criar as suas próprias regras de conduta sexual, não estando o sexo restrito à definição de roteiros (Jamieson, 2005, p. 194). Neste novo registo dos relacionamentos entre os sexos, é expectável que haja um equilíbrio maior das relações de género assente no respeito entre os parceiros. Pesquisas científicas sugerem que a vida do casal assenta num equilíbrio entre dois polos antagónicos: um excessivo fechamento em si e uma excessiva dedicação ao outro, de forma a se satisfazer as necessidades afetivas e a preservar a individualidade (Kaufmann (2003). A tudo isto, não é alheia a relevância da presença que as mulheres têm assumido no espaço público, contribuindo para a redução do fosso entre géneros.

Ao aludir às transformações no domínio da intimidade, Giddens (1992) defende que a proliferação do amor confluyente e da relação pura foi propícia a um conjunto de transformações nas relações entre casais que tiveram consequências nas relações entre géneros e no espaço social. Como se viu, o tipo de intimidade que envolve a relação pura requer que haja igualdade e comunicação entre as partes do casal. Contudo, eis que se torna oportuno colocar a seguinte questão: será, nos dias de hoje, o casal heterossexual íntimo e igual? Por um lado, pesquisas científicas sugerem que os casais heterossexuais são, hoje, mais iguais e íntimos e que o reportório sexual se tem diversificado, refletindo uma sexualidade mais liberta de constrangimentos (Giddens, 1992). Por outro, outras reafirmam os limites da igualdade de género e a permanência de uma visão falocêntrica do sexo, ilustrados na não negociação do prazer mútuo (Holland et al., 1998).

Falar da sexualidade implica tecer considerações sobre a questão do género, já que é nos meandros das relações de género que se vão encontrar os significados atribuídos às práticas sexuais. Assim, produto de uma reflexão sobre as mudanças reais que ocorreram em contextos da vida quotidiana, são as representações das práticas sexuais que estão na base da vida

em comum, na qual a sexualidade está embutida, com consequências na aquisição de disposições sexualmente diferenciadas nas interações do casal (Bourdieu, 1994).

Sabendo que todas as sociedades assentam na diferenciação dos gêneros e instituem mecanismos de reprodução dessa diferença, qualquer sistema de gênero define “o que é a expressão sexual adequada, isto é, o conjunto de normas relativas ao exercício da sexualidade que distinguem o erotismo permitido, ou normativo, do proscrito” (Brandão, 2010, p.10). Neste sentido, não raro, o sexo surge como uma categoria social investida de significados políticos através do qual os homens e as mulheres são heterossexualizados, com o intuito de servir o propósito da procriação/reprodução biológica (Wittig, 1982, p.66). Desta feita, a heterossexualidade apresenta-se como o modelo dominante de condutas sexuais nas sociedades contemporâneas. Tendo em conta que a sexualidade é experienciada de forma diferenciada de acordo com o gênero, é necessário procurar compreender de que forma é que esta se relaciona com a existência de dois gêneros. Tal justifica-se porque, apesar da maior possibilidade de democratização da sexualidade, também apontada por estudos relativos a jovens portugueses (Almeida, 2004), também se conclui que ao nível da vivência da

sexualidade e de adoção de determinadas práticas sexuais existe uma diferenciação entre gêneros, com os maiores constrangimentos sentidos no feminino (Ferreira, 2010a, p.32; Bozon, 2003, p.131).

Este pensamento, estruturado por referência a uma conceção de existência de dois gêneros que se destinam à união mútua, que se reveste de formas económicas e sociais, mas que inevitavelmente se materializa na cultura e no simbólico, organiza-se uma configuração societal que “sustenta a submissão da sexualidade feminina à masculina e assenta na crença de que a heterossexualidade exclusiva é a forma “natural” e “normal” de expressão amorosa e sexual” (Brandão, 2007, p.109). Assim, esta democratização da vida privada apresenta-se ainda dificultada, uma vez que persistem diferenças psicológicas e económicas entre os sexos (Giddens, 1992). De igual modo, alerta Kaufmann (2003) que “se os homens e as mulheres não falam da mesma maneira, é porque não ocupam o mesmo lugar dentro do casal” (p.3).

As questões inerentes à desigualdade de gênero são ainda documentadas em trabalhos de teóricas feministas que desafiaram a ideia do sexo como algo natural e começaram a aludir a uma

abordagem social da sexualidade. Com efeito, contrariavam a visão naturalística da sexualidade e do gênero assente na ideia de uma divisão natural entre homens e mulheres na qual se entendia que “a sexualidade dos homens é naturalmente centrada no genital orientada para o prazer e agressiva em termos que exprimem a identidade do gênero masculino. Por contraste, a sexualidade feminina dizia-se ser orientada para a intimidade e para a construção da relação difusamente erótica e passiva ou dirigida em termos que refletiam a identidade do gênero feminino” (Seidman; Fischer; Meeks, 2006, p.X). Existem mesmo autores que, aludindo ao patriarcado, afirmam que “pode ser que a família e a heterossexualidade não sejam os lugares para começar a tentar mudar as relações de gênero” (Delphy; Leonard, 1992, p.266). É de notar, contudo, que há discursos que referem a possibilidade de existir numa relação heterossexual apesar dos arranjos patriarcais (Morgan, 1996, p.91).

Seguindo a ideia de que as relações puras estão a tornar-se, a cada dia, mais presentes nas sociedades, podemos dizer que o fosso entre a experiência sexual e da intimidade entre homens e mulheres tem vindo a diminuir. De igual modo, “a ascendência da “sexualidade plástica” significará uma maior experiência sexual e,

consequentemente, um aumento na diversidade de prática sexual” (Jamieson, 1999, p.483). Segundo Weeks (1995), o discurso público sobre a sexualidade e, especificamente, sobre o sexo tem sido associado a uma maior igualdade de gênero e de maior tolerância face à diversidade de práticas sexuais. Ainda assim, reconhecemos a permanência no discurso público de argumentos que reafirmam os limites da igualdade entre gêneros, na medida que os incitamentos à sexualidade feminina ativa não eliminaram a visão dominante de que a verdadeira prática sexual dá-se com o coito que termina com a ejaculação masculina (Jamieson, 1999, p.483). Do mesmo modo, “as mulheres são posicionadas como cuidadoras sexuais que fazem o trabalho emocional e políam as suas próprias emoções para garantir que elas não vão colocar exigências excessivas sobre os homens” (Jackson; Scott, 1997, p.567). Estes discursos socialmente construídos sugerem que, no ato sexual, as práticas e as representações dos dois sexos não são simétricas. Se para os homens, o ato sexual é frequentemente concebido como uma forma de dominação e apropriação, no qual o sexo pode ser entendido como uma prática física de conquista orientada para a penetração e para o orgasmo, no que respeita às mulheres, estas são socialmente

preparadas para viverem a sua sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que pode envolver diversas atitudes, tais como acariciar e conversar e, por sua vez, não incluir, necessariamente, a penetração.

Nestas circunstâncias, a sexualidade dos homens e das mulheres para além de transportar as circunstâncias sócio-históricas, deve expressar-se de forma diferente, tanto ao nível do discurso como do relacionamento e prática sexual, consoante o género (Ferreira, 2010a, p.32). A título ilustrativo podemos mencionar que as festas de despedida de solteiras, ao contrário do que acontecia com os homens, só surgiram recentemente, o que indicia que a liberdade sexual das mulheres esteve durante muitos anos limitada (Montemurro cit. por Seidman; Fischer; Meeks, 2006, p.411). Já no século XXI, as discrepâncias de género face à inatividade sexual são predominantemente visíveis entre os portugueses. De acordo com dados apresentados por Ferreira (2010a, p. 33), relativos ao Inquérito sobre a Sexualidade e Saúde, a percentagem de portugueses que não tiveram relações sexuais no último ano - medida pela frequência sexual anual - são as seguintes, por género: 5% (masculino) e 14,4% (feminino).

O pressuposto da existência de “um laço novo (...) entre sexualidade e vida conjugal nas últimas décadas do século XX” (Bozon, 2003, p.131) permite argumentar que a atividade sexual passou a estar dissociada do casamento e do propósito de procriação, tornando-se central nas interações quotidianas do casal. Tomando como referência as práticas sexuais de diferentes casais, a adoção ou não de determinadas práticas e lógicas discursivas sobre sexo refletem uma tentativa de moldar as interações afetivas e sexuais às representações dominantes de género e de sexualidade. De igual modo, a duração da vida em comum, a classe social e o género parecem contribuir para diferentes formas de vivenciar o amor e a intimidade conjugal. Importa ainda notar que um conjunto de alterações na organização da vida individual e social possibilitou o alargamento do reportório sexual dos indivíduos e de uma atitude mais hedonista e ativa das mulheres nos relacionamentos amorosos e sexuais (Bozon, 2003). Por fim, conscientes de que, no cruzamento de dois universos, a gestão da vida quotidiana do casal pode sorrateiramente atenuar o amor e o desejo mútuo (Singly, 2001, p.275) e, aos poucos e poucos, furar a solidez da relação, acreditamos que é possível que a vida e a

rotina conjugal não queimem as fantasias sexuais e o encantamento pelo outro.

Neste sentido, torna-se importante olhar as condições estruturantes do quadro da vida social e desenhar um retrato sobre a relação entre a vida sexual dos casais heterossexuais e a envolvente externa, organizando, para o efeito, uma caracterização da atividade sexual dos sujeitos. Como sublinha Torres (1987, p.22), “mesmo que se trate de uma experiência tão universal como é a do Amor, ele não foge à regra da diferenciação social que torna a comunicação entre grupos, se não impossível, pelo menos difícil (...)”, pelo que as práticas sexuais devem ser entendidas no quadro das relações e interações sociais. É inegável que o entendimento dos corpos - quer seja por meio da relação amorosa ou da relação sexual - apresenta-se como uma dimensão da vida humana constituída por imbricações sociais, morais, políticas e físicas.

Partindo da crença de que o contexto atual é marcado por uma forte desinstitucionalização das relações acompanhada por uma sobrevalorização da afetividade e intimidade (Giddens, 1992), a vida em comum deixa de estar associada aos valores tradicionais do casamento e à indissolubilidade dos laços e, aos poucos e

poucos, vai estando cheia de sinais de amor, valorização de sentimentos, da descoberta mútua e da intimidade conjugal (Maciel, 2008). Esta constatação orienta o pensamento de que é na partilha de vida com outro que os atores sociais “transformam-se através (...) [da] confrontação entre a defesa dos seus territórios, o reconhecimento dos espaços dos outros e a construção de um mundo comum onde cada um está «com»” (Singly, 2001, p.18)

Estando a família contemporânea estruturada em torno do casal (Kaufmann, 2003), a vida em comum é um lugar que propicia a descoberta e construção da identidade do casal (Singly, 2001). É esta partilha de territórios individuais que está ao serviço da satisfação e realização de cada um dos membros do casal. A este nível, reconhecemos que o desempenho sexual poderá contribuir para a realização dos indivíduos enquanto casal, pelo que conhecer expectativas e desejos sexuais no interior dos relacionamentos amorosos e sexuais apresenta-se como um ponto importante neste trabalho. Para Kaufmann (2003, p.11), cada parte do casal procura não uma similitude mas uma complementaridade sexual que é socialmente codificada. Com efeito, defende que a negociação entre parceiros

desenvolve-se com normas implícitas em dois princípios: a equivalência social e a complementaridade sexual.

Por tudo isto, contemplamos uma variedade de práticas sexuais, de forma a propiciar uma visão mais sustentada e holística da atividade sexual do casal heterossexual. Para tal, conhecer as técnicas corporais, os modos de interação sexual entre o casal “permite explorar horizontes e os limites da expressão sexual e a sua relação com a satisfação e a qualidade de vida, por um lado, e com as normas sociais que condicionam a legitimidade das práticas sexuais e determinam a sua aceitabilidade ou rejeição, por outro” (Ferreira, 2010b, p.106). Para além disso, permitirá que se fomenta a reflexão sobre o modo como as dinâmicas afetivas e sexuais entre os casais podem revelar, naturalizar ou encobrir as relações de poder e as (des)igualdades de género nas diversas dimensões da vida quotidiana inclusive no campo organizacional.

### **Metodologia do Estudo**

---

Para a produção de conhecimento aprofundado sobre as dinâmicas afetivas e sexuais no quadro de relacionamentos heterossexuais, este trabalho ancorou-se numa metodologia qualitativa de cariz

interpretativo e compreensivo. As metodologias intensivas, para além de possibilitarem compreender as representações, significados e experiências subjetivas que os membros do casal atribuem às vivências sexuais, permitem também captar como as disposições e os discursos sexualmente diferenciados são enformados por condições estruturais e conjunturais (Brandão, 2007; Dias, 2002; Bourdieu, 1994). O método de investigação utilizado foi o estudo de casos permitindo conhecer em profundidade as representações da sexualidade e as vivências da intimidade conjugal e sexual no contexto da heteronorma, devido às suas características de flexibilidade metodológica, processos heterodoxos de análise de dados e grande amplitude na observação e descrição da realidade (Greenwood, 1965).

A partir de diferentes planos teórico-analíticos, e com base num trabalho realizado entre 2015 e 2016 na região Norte de Portugal, pretendeu-se dar conta dos modos como os sistemas de valores, disposições e noções de moralidade sexual se tornam visíveis (ou não) na decisão de adoção de determinadas práticas sexuais e traduzem a presença de igualdade de género. Para tal, privilegamos a convergência do macro e do

microsociológico tendo em vista a compreensão dos seus pontos de interseção (Brandão, 2007), procurando situar-nos nos contextos estruturais, institucionais e relacionais que tecem as relações e experiências quotidianas em que se consolidam os universos de práticas, significados e representações dos casais.

Os resultados apresentados têm por base o material empírico proveniente de vinte entrevistas semidiretivas realizadas a dez casais heterossexuais em situação de coabitação estável há, pelo menos, dois anos, com e sem filhos, residentes nos Concelhos do Porto e Viana do Castelo. Os/as entrevistados/as tinham entre 30 e 46 anos e escolaridade situada entre o 12.º ano e o mestrado. A seleção dos casos obedeceu, num primeiro momento, a um procedimento intencional e, num segundo, ao procedimento em bola de neve, procurando diversificar o mais possível os seus pontos de início. Foram critérios de escolha ser um casal heterossexual que partilha a mesma habitação no mínimo há dois anos e, pelo menos teoricamente, assumirem uma relação estável, entendida como uma relação em que existe a dimensão afetiva e sexual e é reconhecido o compromisso entre os dois membros.

Por motivos de maior proximidade e redução dos custos monetários da pesquisa, centrámos a recolha empírica em casais heterossexuais residentes nos concelhos do Porto e Viana do Castelo. Por outro lado, na seleção dos casais procurámos reunir casais cuja situação conjugal - com ou sem filhos, de diferentes idades e contextos de residência - fosse a mais diversa possível, assumindo que as várias configurações da vida privada teriam impactos distintos ao nível das experiências sexuais. O roteiro de entrevista procurou analisar as trajetórias de vida do casal; a diversidade de atitudes e experiências sexuais, particularmente os reportórios de práticas sexuais, de cenários e de significações (Bajos et al., 1993 cit. por Policarpo, 2011); a pluralidade de representações da sexualidade e do género e os valores e normas que orientam as práticas e relações sexuais na relação conjugal. Ainda que tenha sido necessária a colaboração de ambos os membros do casal, a participação na pesquisa fez-se com base numa entrevista de carácter individual.

Esta decisão metodológica justifica-se não só pela formulação do objeto, como também por razões práticas tais como rotinas familiares e de trabalho. As entrevistas tiveram como propósito conhecer de que forma cada membro do casal define a sua vida sexual e os significados e

representações lhe atribuem. Para além disso, possibilitou agrupar “a partir apenas de uma entrevista, informação sobre duas pessoas” (Torres, 1996, p.204) envolvidas numa relação estável. Paralelamente, possibilita que se confronte os discursos dos dois membros do casal e que se conheça as visões masculina, feminina e do casal sobre a sexualidade e, especificamente, sobre as práticas sexuais. Para além da entrevista semidiretiva como técnica principal de recolha de dados, apostou-se no recurso a outras técnicas complementares, nomeadamente: (i) observação direta no decorrer da entrevista; (ii) análise documental clássica e análise de conteúdo; e, ainda, conversas informais com indivíduos que, devido à sua atividade profissional, estão mais próximos das questões da sexualidade e interações conjugais. Este cruzamento de técnicas tinha como intuito atingir o objetivo geral da investigação de perceber qual o argumento mobilizado para justificar a adoção (ou não) de diferentes experiências e práticas sexuais entre os casais.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio, garantindo liberdade de pensamento e de discurso dos e das entrevistadas, tendo em conta o seu quadro de valores e a sua linguagem (Ghiglione; Matalon, 1992), com o propósito de recolher as suas

representações e vivências. Após a transcrição, os discursos foram sujeitos a uma análise de conteúdo no quadro da grounded theory e grounded analysis (Strauss; Corbin, 1990). Esta opção teórico-metodológica implicou a adoção de estratégias de pesquisa que possibilitem associar a elaboração de conceitos teóricos às circunstâncias específicas da realidade empírica. Através de um processo sequencial de análise e codificação do conteúdo das entrevistas linha a linha (microanálise), foi elaborado um esquema final de categorias e subcategorias de análise (Fernandes; Almeida, 2001). Com efeito, baseando-se num processo indutivo de produção de conhecimento, trata-se de uma metodologia que requer um trabalho contínuo de articulação entre recolha e análise, empiria e teoria.

## **Resultados e Análises**

---

Na análise das entrevistas tivemos como preocupação captar as representações acerca da sexualidade e das práticas sexuais tendo em consideração alguns aspetos: trata-se de uma dimensão central na vida em comum? De uma necessidade fundamental? Ou ainda, será que é sentida como uma obrigação da vida em comum? Será a dimensão sexual mais privilegiada em relação à dimensão afetiva-emocional? Até

que ponto as representações daquilo que (não) pode ser verbalizado condicionam uma vivência conjugal e sexual livre de interditos sociais?

Começamos, então, por referir que as dinâmicas do jogo sexual revelam representações da sexualidade e do gênero condicionadas por desigualdades estruturais, que moldam a vida em comum. De acordo com os casais heterossexuais entrevistados, o ato sexual centrado na penetração assume uma importância fundamental na relação conjugal e na realização de cada um dos parceiros. Funciona como meio de expressão da intimidade conjugal, confirmando a predominância, nos casos selecionados, de um padrão em que se perspectiva a relação sexual para além da dimensão procriativa. Alguns entrevistados, essencialmente homens, chegam mesmo a afirmar que se o sexo não for bom, a relação conjugal acaba por não funcionar. É o caso de João (39 anos) que afirma que *“é o que faz sentido para uma pessoa estar junta com outra. Pode-se viver com outras pessoas, mas estar junto, intimamente e o carago, tem que ter. Eu acho que tem que haver sexo. E tem que ser bom!”*. Tendo por base este pensamento, arriscamos mesmo dizer que a realização a nível sexual é fundamental na garantia da constituição e manutenção do casal, sendo

que, tal como salienta Bozon (2004), já não é o casamento que funda e legitima a sexualidade, mas antes o inverso: sem a dimensão sexual, não existe casal. Este olhar holístico sobre as práticas sexuais permite constatar que as representações que lhes estão subjacentes vão no sentido da sua centralidade e, até, imprescindibilidade na relação conjugal para a manutenção da mesma. Esta visão é expressa por António (45anos) quando afirma que: *“é um bocado lírico falar de que não é preciso. Se não estiver bem essa parte, poderá acontecer as relações extraconjugais. O que não se tem em casa vai-se procurar fora, tanto para ele como para ela”*.

Entre os entrevistados, prevalece a representação (e o discurso) de que a sexualidade conjugal é uma dimensão fundamental que tece os laços que unificam ainda mais a cumplicidade do casal. Nesse sentido, assistimos na vida em comum a uma indelével valorização da vida sexual, verificando-se um movimento de “erotização do casal” (Aboim, 2011). Todos os casais apresentam de forma clara a importância da sexualidade na constituição e manutenção da relação conjugal. Mas em causa está, ainda, o entendimento das dimensões inerentes à sexualidade e as que são mais valorizadas: se para uns, a vertente sexual

associada à coitocentricidade é mais enfatizada, para outros, é algo que transcende o ato sexual em si e os estímulos erógenos englobando outros aspectos, tais como, a troca de afetos, as conversas, a partilha de momentos do dia a dia e o companheirismo, de forma a satisfazer as necessidades afetivas. Ainda assim, importa mencionar que, na globalidade dos casais, a sexualidade não é vivida apenas através da procura objetiva da relação genital, já que a experienciam também através do toque, do olhar, da voz, da fantasia, entre outros meios. Tal sustenta a ideia de Giddens (1992) de que a sexualidade transformou-se num espaço que abre a possibilidade de se vivenciar diferentes experiências com múltiplas configurações.

Aliada às transformações na partilha de habitação, que passou a ser mais equitativa e menos dependente do trabalho exclusivo da mulher, a entreaajuda e o interconhecimento reformularam-se, e a importância da vida sexual, mesmo com a presença de algumas diferenças entre os gêneros, tornou-se mais presente no interior da vida em casal. De resto, é possível ainda notar a referência feita ao cotidiano da intimidade conjugal, já que nos discursos dos entrevistados transparece a ideia de que a sua relação funciona como um “refúgio, lugar de procura e

estabilidade, de diálogo interpessoal, procura de reconhecimento e gratificação” (Torres, 2004, p.33). Com efeito, o companheirismo e a proximidade são algo valorizados na vida em comum, assumindo um lugar privilegiado na relação a dois, estendendo-se para a relação sexual. É, portanto, no centro do casal que se encontra a intimidade, traduzindo-se na “proximidade ao corpo alheio que se desdobra para além do contexto erótico, abolindo, em sentido amplo, barreiras que norteiam o contacto físico” (Heilborn, 1993, p.16). Como refere Miguel (40 anos), *“da intimidade para fora nasce tudo o resto: o sexo, para depois se compreender, se amar, se sentir querido, satisfeito ou completo. E isso traz segurança para tudo o resto na vida a dois. Confio no outro, confiança e autoconfiança”*.

A análise dos discursos femininos e masculinos permite considerar que o sexo não tem o mesmo significado para os homens e para as mulheres, já que sugerem uma nuance de género que vai na direção da maioria das mulheres considerar que o sexo só faz sentido se existir sentimento. Considerando este contexto, acreditamos que a visível diferença parece refletir uma identidade feminina socialmente construída em torno do sensível e do afetuoso e um conjunto de representações que são

sensíveis às ideias que desvalorizam as mulheres noutros campos da vida social e acentuam as limitações que os homens têm em exteriorizar as suas emoções e afetos, veiculando também o princípio de que estes tendem a separar, não raro, a sexualidade da dimensão do amor (Pais, 1998, p.412). Desta feita, aludimos à existência de diferentes disposições (Bourdieu, 1994) que acabam por afetar a atividade sexual dos indivíduos. Neste ponto, as palavras dos entrevistados relativos à questão: “no ato sexual quem toma, habitualmente, a iniciativa?” são reveladoras desta diferenciação de género. Na esmagadora maioria, esta iniciativa é encabeçada pela figura masculina, sendo que as justificações para tal vão desde o maior apetite sexual masculino até ao maior cansaço e preguiça femininos. Este cansaço pode ser justificado pela sobrecarga ao nível de trabalho pago e não pago (Amâncio, 2007).

A iniciativa sexual masculina presente na grande maioria dos casais pode ser enquadrada nas expectativas relacionadas com os papéis tradicionais de género ao nível dos rituais de sedução e conquista, em que cabe principalmente ao homem, nas relações sexuais, tomar a dianteira. Desta feita, quando pensa nas formas de começar uma relação sexual com o cônjuge, Ana (29 anos) declara, sem hesitar, que “ele

normalmente é que me procura mais. Eu faço sempre aquele papel da mulher que é sempre um bocadinho mais submissa e gosta de ser procurada e conquistada e normalmente esse papel cabe-lhe mais a ele”. Embora não encontremos em concreto reflexões sobre as desigualdades dos géneros nos discursos dos entrevistados, podemos considerar que existe um certo desequilíbrio entre ambos que assenta, por um lado, na ideia de que as mulheres devem estar à espera do lisonjamento e do convite sexual da figura masculina e, por outro, na visão de que o sexo masculino tem maior apetite e predisposição sexual. Assim, apesar da visão hedonista da sexualidade e da importância crescente da reciprocidade, do envolvimento e do prazer mútuos (Giddens, 1992; Bozon, 2004; Dias, 2002), persiste uma dupla moral de género (Kaufmann, 2003; Bourdieu, 2002; Jamieson, 1999; Morgan, 1996), que associa o masculino a uma predisposição, apetite e iniciativa sexuais e a feminilidade ao sensível, emocional e afetivo (Pais, 1998; Fontainhas, 2017). Com efeito, as formas de viver a intimidade conjugal e sexual no contexto da heteronormia parecem (des)construir significados sociais e culturais relativamente às relações de género e poder nas sociedades contemporâneas (Weeks; Holland, 1996).

As breves narrativas dos entrevistados acerca da frequência das relações sexuais permitiram clarificar as representações que cada um dos parceiros tem da “normalidade” e qualidade da sua relação conjugal. Observamos que todos apelam à destrição entre quantidade e qualidade das relações, já que como alerta Esperança (31anos): *“está muito melhor porque lá está, com os anos também nos fomos conhecendo. E apesar de podermos não fazer tantas vezes como se calhar já fizemos, mas as vezes que fazemos, acabam por ser extremamente maravilhosas em relação a antes”*. Atentemos que ao falarem da frequência da atividade sexual, em muitos discursos - sobretudo masculinos - vemos que enfatizam a ideia de que o número de vezes em que têm relações é o considerado “normal”, ou seja, aquele que está em conformidade com as expectativas sociais. Embora, a coabitação propicie as “condições materiais favoráveis à intensificação da vida sexual do casal (Bozon cit. por Policarpo, 2011, p.174), a atividade sexual vai sofrendo alterações devido a fatores individuais e coletivos (características e condições estruturantes da vida). Com efeito, a temporalidade e as marcas dos acontecimentos moldam as formas possíveis dos casais vivenciarem a sexualidade. Entre os fatores que condicionam essa

regularidade, a rotina e o trabalho profissional dos casais aparece nos discursos dos entrevistados. As narrativas sugerem que a integração laboral de ambos os membros do casal leva a um aumento da indisponibilidade estrutural, na medida em que as preocupações laborais e o tempo gasto no trabalho exterior limitam o tempo a dois. Como expressa Manuel (35 anos), aquando da reflexão acerca dos momentos que afetam a regularidade sexual, refere que são fases: *“Por exemplo, quando estou a passar por uma semana mais stressante no trabalho. As preocupações com o trabalho, não nos dá total liberdade para termos relações sexuais quando nos apetece”*.

Um outro exemplo é o casal Esperança e Óscar, em que no discurso masculino ficam claras as oscilações na intimidade sexual: *“Sim, tem sofrido. Não tanto pela vontade, (...), mas um pouco porque a nível do trabalho, a nível de questões profissionais leva-nos a que estejamos separados alguns períodos de tempo. Já estive fora do país uns meses. (...). Tudo isso depende de certas alturas. Inicialmente era com mais frequência porque passávamos mais tempo juntos, mas eu sempre trabalhei fora e ela também, algumas vezes, trabalhava fora, portanto, influencia”*. (Óscar, 34 anos).

Relativamente ao papel dos homens e das mulheres nas relações sexuais verificamos que quando questionados sobre se existe algum, todos referiram que não. Este posicionamento vai ao encontro da ideia de que o universo simbólico do casal moderno apoia-se no “princípio da igualdade, que rejeita qualquer diferença estatutária entre os géneros” (Heilborn, 1993, p.15). Contudo, numa análise minuciosa aos discursos, verificamos que, muitos promovem a institucionalização dos papéis sociais dos homens e das mulheres nas relações sexuais. Afinal, na prática, os homens são descritos como “ganhões” e “mais ativos sexualmente” e com “mais libido”, ao passo que as mulheres são representadas como mais passivas e com menor apetite sexual.

Um aspecto a realçar é que em todos os discursos - femininos e masculinos- fica visível a valorização da capacidade de dar e receber prazer e satisfazer sexualmente o parceiro. Enaltece-se, de forma recorrente, a partilha de uma vida sexual mais rica e diversificada cuja tónica se coloca na satisfação sexual e usufruto de prazer mútuo. Esta centralidade do valor de reciprocidade, consolidada nas expectativas face à sexualidade conjugal, acaba por reiterar a ideia de que a vida em comum “move-se em termos de um contrato, não necessariamente consciente, que chancela

uma dependência recíproca entre os parceiros” (Heilborn, 1993, p.15). Na verdade, evidenciamos que entre os casais, a união pressupõe o compromisso, a confiança e a partilha mútua, tornando-se o prazer sexual fundamental ao relacionamento. Apesar disto, o olhar holístico sobre todos os discursos permitiu-nos compreender que a ideologia romântica e a visão hedonista da sexualidade, acaba por naturalizar e reforçar representações normativas do género e da sexualidade, continuando a sexualidade feminina a submeter-se à masculina.

A análise das representações e das práticas afetivo-sexuais constitui um bom indicador sobre o tipo de relações de poder e assimetrias de género nos relacionamentos íntimos, abrindo espaço a novos olhares sobre a sociedade em que vivemos. De facto, estes discursos incentivam a reflexão sobre os modos como as dinâmicas inerentes à vida conjugal são suscetíveis de produzir efeitos na participação das mulheres e dos homens no trabalho profissional, uma vez que sugerem que os vários domínios da vida social são atravessados por efeitos de género: do privado ao público, da família ao trabalho.

## **Considerações Finais – os efeitos no cotidiano organizacional**

---

A sexualidade é uma dimensão da vida humana que, em virtude das suas interligações sociais, culturais, físicas e morais tem suscitado pesquisas no âmbito das ciências sociais. Com efeito, as práticas sexuais e os aspetos que a envolvem - desejo, prazer e normas de conduta sexual -, bem como as representações e os significados que lhes atribuem têm sido encarados como fenómenos sociais.

As curiosidades e reflexões sobre as práticas sexuais no quadro dos relacionamentos heterossexuais estáveis não se esgotam aqui. É então que chegamos ao momento de degustar os resultados a que chegamos, fruto do trabalho teórico e empírico desenvolvido. Começámos o nosso caminho tendo por base um conjunto de ideias de trabalho, que são produto do nosso contacto com uma diversidade de trabalhos, referências teóricas e observações. O olhar atento sobre os mesmos possibilitou a descoberta de novas orientações para a concretização do caminho teórico-empírico. A partir do cruzamento das nossas leituras sobre as questões da sexualidade e interações conjugais, eis que surge a questão que estimulou, ainda mais, o arranque deste estudo: como é que na

modernidade a vida em comum se transforma num contexto privilegiado de concretização de práticas sexuais diversificadas? Esta questão reflete a ideia de que, nos dias de hoje, existe uma multiplicidade nos modos de vivenciar o sexo conjugal.

Situamo-nos num plano que entende que as ligações entre as dimensões sociais e sexuais devem ser procuradas nas regras de comportamento sexual que determinam o significado das práticas sexuais. De facto, observamos que os modos como os casais vivem a sexualidade e adotam ou não determinadas práticas sexuais são produto da sua interação (verbal e não verbal) na qual se recorre a técnicas corporais como fonte de prazer (e eventualmente de reprodução). Claro está que a gestão do corpo faz-se de acordo com as representações que os casais têm sobre o sexo e as práticas sexuais.

Nos discursos individuais dos casais que analisámos, destacamos a importância da sexualidade e, especificamente, da relação sexual na manutenção do edifício conjugal. Nesse sentido, registamos que predomina uma visão hedonista da sexualidade, ou seja, esta - ultrapassando os aspetos ligados à reprodução -, é encarada como um meio de satisfação pessoal e conjugal que tem

como finalidade o alcance do prazer. Entre os casais, coexistem duas visões acerca da relação sexual: uma é a que a encara como uma necessidade humana básica que requer a penetração entre duas pessoas de sexo oposto, outra é a que assume que, para além de envolver o coito vaginal, requer a existência de intimidade e amor entre os parceiros. Aqui, mais ou menos explicitamente, encontramos a permanência de uma dupla moral de género, na medida em que a primeira visão sobressai, essencialmente, nos discursos masculinos, a segunda destaca-se nos discursos femininos. Paralelamente, assistimos à permanência de representações mais tradicionais da sexualidade. Exemplo disto é a persistência de uma visão que associa a masculinidade a uma maior predisposição, apetite e iniciativa sexual ao passo que a identidade feminina é construída socialmente em torno do sensível, emocional e afetivo. Apesar disto, encontramos na maioria dos discursos femininos o reconhecimento do seu direito ao prazer e satisfação sexual.

Relativamente às práticas sexuais, comprovamos que cada casal tem as suas (pré)disposições, refletindo-se na adesão a diferentes experiências sexuais. Ficou claro que as representações acerca da sexualidade vão influenciar a adoção ou não de determinadas práticas sexuais do casal:

embora a moralidade sexual dos casais assumam traços mais modernos, espelhando-se numa diversidade sexual e adesão a diversas práticas sexuais, esta é uma imagem matizada em tons diferentes. Isto porque encontramos uma variedade de posturas quanto à adoção de diferentes práticas sexuais com o cônjuge. Por um lado, assistimos a visões mais institucionalistas e tradicionais, com acentuação das diferenças de género, traduzindo-se num reportório sexual mais restrito; por outro lado, existe uma visão mais hedonista e erótica da sexualidade, repercutindo-se na adoção de um reportório sexual mais alargado.

Ao analisarmos os discursos ao nível das representações, ou seja, do sentido que o casal atribui às práticas sexuais - sensações, imagens, experiências afetivo-emocionais, podemos aferir que todos têm imagens mais positivas ou negativas em relação a cada uma delas. A prática experienciada pela globalidade dos casais e comumente mais praticada no dia a dia conjugal é a penetração vaginal, o que não deixa de transparecer a importância da coitocentricidade do sexo como uma prática definidora da relação heterossexual. Por sua vez, o sexo oral tem ganho destaque na vida sexual conjugal e o sexo anal é o que tem menor expressão. Esta não adesão é

justificada pelo receio de experimentar coisas “diferentes” e por se assumirem como mais conservadores. Transversal a todos casais é a rejeição em aderir às práticas sadomasoquistas, sendo que a imagem negativa sobre a mesma é explicada com a não necessidade ou curiosidade em ter experiências sexuais associadas à dor. Esta imagem generalizada de dor e sofrimento reforça e é produto de um universo de representações onde se reconhece a preponderância da visão hedonista do ato sexual. Observamos ainda que o imaginário e as fantasias sexuais fazem-se presentes na vida de cada um dos parceiros, ainda que ao nível da revelação das mesmas ao outro registamos uma duplicidade de disposições: uns não revelam as suas fantasias sexuais entre si devido à vergonha ou medo da reação do outro, levando à não concretização das mesmas, outros partilham-nas entre si acabando por se repercutir, na maior parte das vezes, na concretização (ou sua intenção) das mesmas. Notamos também a importância da masturbação (individual e com o parceiro) como uma forma de alcançar prazer e satisfação.

As diferentes interações sexuais deram origem a três tipos de reportórios sexuais: (i) reportório sexual tradicional, que se caracteriza apenas pela prática do sexo com

penetração e, raramente, pela prática de sexo oral; (ii) reportório sexual alargado intra- casal pautado por uma diversificação de cenários e práticas sexuais mas apenas no interior da relação conjugal; (iii) reportório sexual alargado intra e extra-casal que remete para uma maior intercambialidade de práticas, cenários e parceiros.

Apesar da maior diversidade sexual, concluímos que a adoção ou não de determinadas práticas sexuais continua a ser alvo de uma filtragem de atitudes e comportamentos que são reguladas por valores - religiosos e tradicionais - e por representações sexuais de género que se encontram enraizadas na sociedade portuguesa.

A par disto, as reviravoltas e acontecimentos que vão ocorrendo, ao longo do percurso da vida a dois, também acabam por afetar a regularidade sexual dos casais transportando consigo a (re)estruturação da vida sexual do casal, devido a vários motivos: (i) por efeito da gravidez que, se nos casos da gravidez de risco não permitiu o coito genital, em outras as representações em torno da mulher grávida levaram à abstinência sexual; (ii) por razões psicológicas e emocionais, ligadas ao stress e ansiedade; (iii) por

motivos relacionados com os papéis profissionais. Desta feita, os papéis e situações sociais (conjugal, parental e profissional) parecem condicionar os modos de vivenciar o sexo conjugal.

Foi, portanto, visível que as representações e comportamentos perante a relação amorosa e as práticas sexuais orientam-nos para uma nova configuração dos modos de viver o sexo conjugal: assiste-se a um alargamento de práticas sexuais, privilegiam-se os valores da reciprocidade, do envolvimento e do prazer mútuo e nos discursos (e práticas) inserem-se ideais mais igualitários entre os géneros. Não obstante, determinadas práticas sexuais adotadas pelos casais continuam a ser reguladas por representações e discursos, que apontam para a permanência de uma visão androcêntrica e fálica da sexualidade, em que a sexualidade feminina continua a submeter-se à masculina (Bourdieu, 2002).

Esta investigação permite abrir espaço para novas reflexões sobre as formas de viver a intimidade conjugal no contexto da heteronorma e dar conta do modo como as relações desiguais entre os géneros na relação conjugal operam e se (re)produzem na sociedade. Conscientes de que há e haverá sempre novos caminhos de reflexão sociológica, apontamos um outro destino: o

estudo sobre o modo como as representações e discursos dominantes e normativos de género, com efeitos na intimidade conjugal, acabam por se encobrir ou revelar no ambiente de trabalho. Porque se os homens e as mulheres não representam e não vivenciam a intimidade sexual da mesma maneira, ocupando diferentes “lugares” dentro do casal, até que ponto as representações sociais e sexuais de género condicionam (ou não) os lugares e papéis que cada um ocupa e assume em contextos organizacionais? Num olhar comprometido com a mudança social pretendemos fomentar a discussão pública sobre a (des)igualdade de género nos vários domínios da vida social e potenciar a cidadania plena, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e igualitária nas esferas privada e pública: da intimidade conjugal ao mundo organizacional.

## Notas de Rodapé

---

1 O termo «heterossexual», designando uma realidade construída socialmente, tem a sua origem nos finais do século XIX, momento no qual se observava a medicalização da sexualidade (Aboim, 2010, p.148).

2 Para um aprofundamento da questão aconselhamos a consulta dos estudos desenvolvidos por Chodorow, N. (1978); Rich, A. (1980); MacKinnon, C. (1989) (cit. por Seidman; Fischer; Meeks, 2006).

3 Aqui apropriamo-nos do termo no sentido em que é utilizado por Mauss (1950), ou seja, encarar as práticas sexuais como a aquisição de um mecanismo corporal que, para além de envolver saberes, vai induzir prazeres e instituindo relações de poder (cit. por Ferreira, 2010b, p.106).

4 Fontainhas, Iolanda Maciel (2016). O diálogo mudo dos corpos: Representações de casais heterossexuais acerca da sexualidade e das práticas sexuais (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

5 A opção pela escolha de casais que coabitem há pelo menos dois anos baseia-se na Lei n.º 7/2001, de 11/05 com alterações introduzidas pela Lei n.º 23/2010, de 30/08 e pela Lei n.º 2/2016, de 29/02.

6 Realçamos que não se pretende descobrir a “verdade dos factos”, mas apenas apreender os significados e representações sobre a temática (Torres, 1996).

7 Dezoito entrevistados em vinte (correspondendo a nove casais dos dez entrevistados).

8 Todos os nomes utilizados nos discursos são fictícios, de forma a salvaguardar a identidade das pessoas entrevistadas.

9 Ainda que se tenha por base a análise dos discursos do casal, a interpretação dos discursos masculinos e dos discursos femininos separadamente adquire múltiplas potencialidades no quadro de um trabalho em que se defende que os géneros ao serem socializados de formas diferentes acabam por transportar consigo diferentes formas de experimentar, valorizar e expressar as questões relativas à sexualidade e aos afetos.

10 Assumimos a idéia de que a variação sexual não está meramente dependente dos desejos e impulsos dos indivíduos, mas de um cenário de vida que a condiciona na medida em que proporciona condições mais ou menos favoráveis à sua concretização (Gagnon; Simon, 1977).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABOIM, SOFIA (2011). Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação. In Ana Almeida (Org.), **História da vida privada em Portugal: os nossos dias** (pp. 80-111). Lisboa: Círculo de Leitores.
- ABOIM, SOFIA (2010) - Homossexualidade e bissexualidade: práticas, atracção e orientação sexual. In FERREIRA, Pedro Moura; CABRAL, Manuel Villaverde (Org.), **Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos** (Cap. 4, pp. 147-200). Lisboa: Bizâncio.
- ALMEIDA, ANA (2004). **Fecundidade e contraceção - percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.**
- AMÂNCIO, LÍGIA (2007) - Género e divisão do trabalho doméstico: o caso português em perspectiva. In WALL, Karin; AMÂNCIO, Lígia (Org.), **Família e Género em Portugal e na Europa** (pp. 181-209). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- BOURDIEU, PIERRE (2002). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, PIERRE (1994). **Razões práticas: Sobre a teoria da acção**. Paris: Éditiones du Seuil.
- BOZON, MICHEL (2004). **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BOZON, MICHEL (2003) - Sexualidade e Conjugalidade: A redefinição das relações de género na França contemporânea. **Cad. Pagu**, 20. p. 131-156. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000100005&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000100005&script=sci_abstract&lng=pt).
- BRANDÃO, ANA MARIA (2010). “E se tu fosses um rapaz?": **Homo-erotismo feminino e construção social da identidade**. Porto: Afrontamento.
- BRANDÃO, ANA MARIA (2007). “E se tu fosses um rapaz?": **Homo-erotismo feminino e construção social da identidade (Tese de doutoramento publicada)**. Universidade do Minho, Braga.
- DELPHY, CHRISTINE & LEONARD, DIANA (1992). **Familiar Exploitation: A New Analysis of Marriage in Contemporary Western Societies**. Cambridge: Polity Press.
- DIAS, ISABEL (2002). Representações e práticas de violência doméstica em famílias de diferentes meios socioprofissionais. **(Tese de doutoramento em sociologia publicada)**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- FERNANDES, EUGÉNIA & ALMEIDA, LEANDRO (2001). Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas. Braga: **Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho**.
- FERREIRA, PEDRO MOURA (2010a) – A actividade sexual: frequência, regularidade e inactividade. In FERREIRA, Pedro Moura; CABRAL, Manuel Villaverde (Org.), **Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos** (Cap. 1, pp. 19-54). Lisboa: Bizâncio.
- FERREIRA, PEDRO MOURA (2010b) – Práticas sexuais, auto-erotismo e actividade com parceiro. In FERREIRA, Pedro Moura; CABRAL, Manuel Villaverde (Org.), **Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos** (Cap. 3, pp. 105-146). Lisboa: Bizâncio.

FONTAINHAS, IOLANDA MACIEL (2017), “Um verdadeiro kama sutra: a (des)construção do casal heterossexual íntimo e igual”, in **Actas del II Congreso de jóvenes investigadorxs con perspectiva de género**, Madrid, Universidad Carlos III de Madrid, Instituto Universitario de Estudios de Género. Disponível: <https://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/26051>.

FONTAINHAS, IOLANDA MACIEL (2016). O diálogo mudo dos corpos: **Representações de casais heterossexuais acerca da sexualidade e das práticas sexuais (Dissertação de mestrado)**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

GAGNON, JOHN & SIMON, WILLIAM (1977). **Sexual Conduct: The social sources of human sexuality**. Chicago: Aldine Publishing Company.

GHIGLIONE, RODOLPHE & MATALON, BENJAMIN (1992). **O inquérito: Teoria e prática**. Oeiras: Celta Editora.

GIDDENS, ANTHONY (1992). **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP.

GREENWOOD, ERNEST (1965). Métodos de investigação empírica em Sociologia. **Análise Social**, III(11), 313-345. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2IAE9wd1Ui39AM8.pdf>.

HEILBORN, MARIA LUIZA (1993). Vivendo a dois: arranjos conjugais em comparação. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 10(1/2), 13-24. Disponível em [https://www.rebep.org.br/revista/article/view/489/pdf\\_464](https://www.rebep.org.br/revista/article/view/489/pdf_464).

HOLLAND, JANET [et al.] (1998) - (1998). **The Male in the Head: Young People, Heterosexuality and Power**. London: The Tufnell Press.

JACKSON, STEVI & SCOTT, SUE (1997). Gut Reactions to Matters of the Heart: Reflections on Rationality, Irrationality and Sexuality. **The Sociological Review**, 45(4), 551-575. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-954X.00077/abstract>.

JAMIESON, LYNN (2005). Boundaries of intimacy. In Linda Mckie & Sarah Cunningham-Burley (Ed.), **Families in Society: Boundaries and Relationships** (pp. 189-206). Bristol: Policy Press.

JAMIESON, LYNN (1999) - Intimacy transformed? A critical look at the “pure relationship”. **Sociology**, 33(3), 477-494. Disponível em <http://soc.sagepub.com/content/33/3/477.full.pdf>.

KAUFMANN, JEAN-CLAUDE (2003). **Sociologie du couple**. Paris: Presses Universitaires de France.

MACIEL, DIANA (2008). Viver em amor...ou sentir-se sufocado? Diferenças de classe social. **CIES e-Working Paper**, (15), 1-39. Disponível em [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/717/1/CIES-WP41\\_Maciel\\_.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/717/1/CIES-WP41_Maciel_.pdf).

MOREIRA, HELENA, AMARAL, ANABELA, & CANAVARRO, MARIA CRISTINA (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. **Revista Psychologica**, 50, 353-373. Disponível em <http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/984>.

MORGAN, DAVID (1996). **Family Connections: An Introduction to Family Studies**. Cambridge: Polity Press.

NEVES, DULCE MORGADO DE BRITO (2013). **Intimidade e Vida Sexual: Mudanças e Continuidades numa Perspectiva de Género e Geração (Tese de doutoramento em Sociologia)**. ISCTE-IUL, Lisboa.

PAIS, JOSÉ MACHADO (1998). Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Lisboa: **Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude**.

PINTO, PEDRO, NOGUEIRA, MARIA DA CONCEIÇÃO & OLIVEIRA, JOÃO MANUEL (2010). Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 23(2), 374-383. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722010000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200020).

POLICARPO, VERÓNICA MAFALDA NUNES DE MELO (2011). **Indivíduo e Sexualidade: a construção social da experiência sexual (Tese de doutoramento publicada)**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa.

SEIDMAN, STEVEN, FISCHER, NANCY & MEEKS, CHET (Ed.). (2006). **Handbook of the New Sexuality Studies**. Londres: Routledge.

SINGLY, FRANÇOIS de (2001) - **Livres Juntos: o individualismo na vida comum**. Lisboa: Dom Quixote.

STRAUSS, ANSELM & CORBIN, JULIET (1990). **Basics of Qualitative Research: grounded theory procedures and techniques**. Newbury Park: SAGE.

TORRES, ANÁLIA (2004). Amor e Ciências Sociais. Travessias: **revista da Associação de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa**, (4/5), 15-45. Disponível em [http://www.analiatorres.com/pdf/Amor\\_%20e\\_%20ciencias\\_sociais.pdf](http://www.analiatorres.com/pdf/Amor_%20e_%20ciencias_sociais.pdf).

TORRES, ANÁLIA (1996) - **Divórcio em Portugal, ditos e interditos**. Oeiras: Celta Editora.

TORRES, ANÁLIA (1987) - Amores e desamores - para uma análise sociológica das relações afectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, (3), 21-33. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/fichaartigo.jsp?pkid=409>.

WEEKS; JEFFREY; HOLLAND, JANET, org. - (1996). **Sexual Cultures. Communities, Values and Intimacy**. London: British Sociological Association. ISBN 978-1-349-24518-5.

WEEKS, JEFFREY (1995) - **Sexuality**. London: Routledge.

WITTIG, MONIQUE (1982). The category of sex. In Diana Leonard & Lisa Adkins (Org.), **Sex in question: French materialist feminism** (pp.25-30). London: Taylor & Francis.

## Contato

---

Iolanda Maciel Fontainhas,  
Bolseira de Investigação em Sociologia  
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho, Portugal.  
Email: [iolandafontainhas@ics.uminho.pt](mailto:iolandafontainhas@ics.uminho.pt)